

# ANÁLISE DIALÓGICA DE NOTÍCIAS PRODUZIDAS NO ENSINO FUNDAMENTAL: ESTRUTURA COMPOSICIONAL E CONSTRUÇÃO DO SIGNO “ASAS”

## DIALOGIC ANALYSIS OF PIECES OF NEWS PRODUCED IN THE MIDDLE SCHOOL: COMPOSITION STRUCTURE AND CONSTRUCTION OF THE SIGN “WINGS”

Taís Regina Güths\*

SEED-PR

**Resumo:** Tendo em vista que as Diretrizes Curriculares Estaduais de Língua Portuguesa (PARANÁ, 2008) preconizam o trabalho com gêneros discursivos (BAKHTIN, 2017) e que muitos processos seletivos para ingresso em universidades solicitam a produção de texto em determinado gênero, entende-se a necessidade de considerar questões relativas a essa temática em se tratando da discussão da produção escrita em sala de aula. Assim, com este trabalho, busca-se, amparados em conceitos fundamentais da teoria bakhtiniana, analisar notícias produzidas por alunos do nono ano do Ensino Fundamental a partir de uma proposta de produção de texto do Processo Seletivo Seriado III da Universidade Estadual de Ponta Grossa, com objetivo de perceber se os textos produzidos se aproximam das características do gênero notícia e de que modo constroem, por meio de sua enunciação, o conceito de *asas* proposto de forma metafórica na prova. Por meio da análise das notícias produzidas, foi possível perceber o quanto são múltiplas as refrações, as diferentes respostas aos enunciados passados nas produções textuais analisadas, o que nos leva a defender a necessidade de assumirmos uma concepção dialógica de linguagem em nossa prática profissional.

**Palavras-chave:** Escrita. Ensino Fundamental II. Gênero discursivo. Notícia.

**Abstract:** Since the State Curricular Guidelines for teaching Portuguese (PARANÁ, 2008) provide for the work with genres (BAKHTIN, 2017) and that many university entrance selection processes include a writing text in a specific genre, it seems necessary to consider issues related to this theme, regarding the discussion about writing in the classroom. Thus, fundamental concepts of Bakhtin's theory supported this study regarding the analysis of pieces of news produced by students of the ninth year of elementary school who answered a written task proposed in the III Serialized Selection Process of the State University of Ponta Grossa. The main aim of such analysis was to find out whether the texts produced by the students showed features of the genre news and how they built up, through their enunciation, the concept of “wings” metaphorically presented in the test. The analysis of the pieces of news produced revealed how

---

\* Graduada em Licenciatura em Letras – Português/Inglês pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e Mestre em Linguagem, Identidade e Subjetividade pela mesma instituição. Professora de Língua Portuguesa da rede estadual de ensino do Paraná. E-mail: guths.tais@gmail.com

multiple the refractions are and the different answers given to the writing tasks proposed. These results lead us to defend the need to take on a dialogical conception of language.

**Keywords:** Writing. Middle school. Discursive genre. News.

## Palavras iniciais

A discussão de questões relativas ao ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente, em se tratando de produção de texto, pode tomar vários rumos, contudo, em quase todos eles, se deparará com a questão do gênero – seja chamado de textual ou discursivo.<sup>1</sup> Isso porque os documentos oficiais trazem fortemente essa temática – basta ver a tabela de gêneros discursivos que encerram as Diretrizes Curriculares Estaduais (PARANÁ, 2008) –, os livros didáticos são organizados a partir da abordagem dos gêneros, o registro de classe *online* do Estado do Paraná, nos conteúdos de Língua Portuguesa, também é organizado pelas esferas discursivas em que circulam os gêneros, bem como muitos vestibulares, em suas propostas de produção de texto, se organizam em torno de gêneros discursivos preestabelecidos. Portanto, a palavra gênero é bastante recorrente nos discursos institucionais quanto ao ensino de Língua Portuguesa.

Porém, na perspectiva bakhtiniana<sup>2</sup> – e, portanto, dialógica – da linguagem, o entendimento de gênero passa pelos conceitos de enunciado/enunciação, os quais nem sempre são levados em conta de forma efetiva nesses discursos, fazendo com que se priorizem as características estruturais do gênero.

Tendo isso em mente, neste artigo analisaremos uma proposta de produção de texto do Processo Seletivo Seriado III da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Ressaltamos que essa proposta foi aplicada em um nono ano do Ensino Fundamental, de modo que essas produções farão parte do *corpus* de análise deste artigo, com objetivo de perceber se os textos em questão se aproximam das características do gênero notícia e de que modo constroem, por meio de sua enunciação, o conceito de *asas* proposto de forma metafórica no enunciado da prova. Para isso, primeiramente, discutiremos conceitos fundamentais da teoria bakhtiniana – como enunciação/ enunciado, dialogismo, gêneros discursivos e signo e, ancorados nessas reflexões, trataremos mais especificamente do gênero notícia.

## Retomando conceitos da teoria bakhtiniana

Para tratar de conceitos fundamentais à teoria bakhtiniana, optamos por iniciar com uma ideia bastante recorrente nos escritos de Bakhtin: o fato de que ninguém é um Adão mítico, do qual emanam enunciados inéditos. Acreditamos que esse entendimento já abre caminho para compreendermos a validade de adotarmos uma concepção dialógica da linguagem.

<sup>1</sup> Não trataremos da distinção entre gênero textual e discursivo. Neste trabalho, como está ancorado na concepção bakhtiniana de linguagem, usaremos a nomenclatura discursivo, tendo em vista, também, que as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (2008) adotam essa terminologia.

<sup>2</sup> Por algumas vezes, usaremos a terminologia Círculo de Bakhtin, entendendo-o como um grupo de intelectuais, entre os quais ganham grande destaque, nos estudos da filosofia da linguagem, Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volochinov e Pavel Medvedev (FARACO, 2009). Não entraremos em discussões sobre a questão da autoria dos textos, já tão amplamente debatida.

Nas palavras de Bakhtin (2017, p. 272), “Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. Além disso, o filósofo explica que toda informação dirige-se a alguém, sendo suscitada por alguma coisa, com algum objetivo, “[...] ou seja, é um elo real na cadeia da comunicação discursiva em determinado campo da atividade humana ou da vida”. (BAKHTIN, 2017, p. 288). Sobre isso, há dois pontos bastante relevantes para este trabalho e que, portanto, devem ser retomados. Primeiramente, é preciso ter em mente que todo enunciado se realiza em uma situação de interação, ou seja, é proferido em uma situação de interlocução. Esse outro – a quem meu enunciado se destina e por meio do qual meu enunciado também se constitui – possui grande destaque nas teorias bakhtinianas. Nas palavras de Bakhtin/Volochinov (1997, p. 113),

Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. [...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre meu interlocutor.

Assim, mesmo que não haja a presença física de um interlocutor, ele sempre está presente. Sobre isso, Sobral (2009) explica que não há enunciado sem sujeito enunciativo e que não há interação sem diálogo, “[...] que é uma relação entre mais de um sujeito, mesmo no caso do chamado ‘discurso interior’, discurso do sujeito dirigido a si mesmo”. (SOBRAL, 2009, p. 35)

Nesse sentido, vale destacar que dialogismo, nas palavras de Sobral (2009, p. 33), é uma ideia “[...] segundo a qual toda ‘voz’ (todo ato) humana envolve a relação com várias vozes (atos), dado que nenhum sujeito falante é a fonte da linguagem/do discurso, ainda que seja o centro de suas enunciações [...]”.

Aprofundando essas questões, ainda é relevante entender que, para Bakhtin (2017), os enunciados se constituem de variadas atitudes responsivas a outros enunciados que circulam em determinada esfera. Além disso, todo enunciado pressupõe uma enunciação, a qual o produz. Assim, a enunciação é vista como uma resposta “[...] a enunciações passadas e a possíveis enunciações futuras, e ao mesmo tempo uma ‘pergunta’, uma ‘interpelação’ a outras enunciações.” (SOBRAL, 2009, p. 33).

A resposta não ocorre apenas na linguagem oral, pois o diálogo é apenas uma das formas em que o dialogismo se faz presente<sup>3</sup>. Bakhtin/ Volochinov (1997) explicam que a enunciação, mesmo na escrita, é uma resposta, uma vez que “Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as”. (BAKHTIN/ VOLOCHINOV, 1997, p. 98).

Outro ponto a ser levantado é sobre a expressão “campo da atividade humana ou da vida”, que nos leva a entender que todo enunciado é situado em determinada esfera de atividade

<sup>3</sup> Sobral explica essa questão dizendo que: [...] ‘dialogismo’ não se confunde com ‘diálogo’, *quer se trate das réplicas de um diálogo face a face ou de sua representação em discursos, estéticos e outros*. O diálogo é um fenômeno textual e um procedimento discursivo englobado pelo dialogismo, sendo apenas um de seus níveis mais evidentes no nível da materialidade discursiva. Por outro lado, o enunciado e o discurso por mais ‘fechados’, por mais ‘subjetivos’ que sejam continuam a ser dialógicos. (SOBRAL, 2009, p. 34-35, grifos do autor).

humana. Afinal, “Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHTIN, 2017, p. 261). Assim, o uso da língua é efetuado em enunciados, sejam eles orais ou escritos, que são concretos e únicos, sempre “[...] proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana.” (BAKHTIN, 2017, p. 261).

Nesses campos de atividade humana, o(s) enunciado(s) pode(m) ganhar certa sistematicidade, certa estabilidade, sendo possível reconhecer recorrências. Desse modo, podemos pensar em gêneros discursivos que surgem a partir dos enunciados (sempre tendo em vista que é em forma de enunciados que se dá a interação). Segundo Bakhtin (2017, p. 266),

Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis.

Por isso, apesar de algumas concepções buscarem delimitar exatamente a fronteira de cada gênero, o princípio dialógico impede que os entendamos pelo viés estático – das formas –, e na medida em que ressalta o viés dinâmico de sua produção (FARACO, 2009). Nesse sentido, Faraco (2009, p. 127) explica que os gêneros “não são apenas agregados de propriedades sincrônicas fixas, mas comportam contínuas transformações, são maleáveis e plásticos, precisamente porque as atividades humanas são dinâmicas, e estão em contínua mutação”.

Isso se confirma quando nos deparamos com estudos de Tradições Discursivas, os quais partem do pressuposto de que, enquanto frutos e portadores das tradições culturais, os textos “apresentam regularidades discursivas ou formas textuais já produzidas pela sociedade, em momentos anteriores, que permaneceram ou se modificaram ao longo de sua existência” (ANDRADE; GOMES, 2018, p. 28).

Por essa contínua mutação é que Bakhtin atribui aos gêneros discursivos a característica de serem relativamente estáveis. Nas palavras do autor,

[...] o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional estão indissolvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2017, p. 262, grifos do autor).

Em se tratando de discurso, é imprescindível que entendamos que ele, no construto da teoria bakhtiniana, apenas pode existir em enunciações concretas de falantes que são os sujeitos do discurso. Desse modo, o “[...] discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir”. (BAKHTIN, 2017, p. 274).

Um outro conceito fundamental para o embasamento da análise ora proposta, é o de signo. De acordo com Bakhtin/ Volochinov (1997, p. 32), “Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico”.

Faraco (2009), ao tratar dessa questão, explica que o mundo só adquire sentido para nós quando é semioticizado, assim, “[...] nossa relação com o mundo é sempre atravessada por valores”. (FARACO, 2009, p. 49). Entendemos, por isso, que os signos são ideológicos. Como afirmam Bakhtin/Volochinov (1997, p. 31), em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*: “[...] tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia”. Os signos, a partir dessa compreensão, surgem como frutos das múltiplas interações do sujeito com os outros, com o mundo material, por meio das diferentes enunciações e de suas atitudes responsivas, por isso, não surgem de uma consciência individual. Ao contrário, podem ser tomados como um fenômeno socioideológico, por expressarem os valores de determinado grupo e de determinado tempo. Desse modo,

os signos não *refletem* o mundo (não são um decalque do mundo); os signos também (e principalmente) *refratam* o mundo. Em outras palavras, o Círculo assume que o processo de transmutação do mundo em matéria significativa se dá sempre atravessado pela refração dos quadros axiológicos. (FARACO, 2009, p. 50, grifos do autor).

Mas o que seria refratar uma realidade? Faraco (2009, p. 51, grifo do autor) explica que, por meio de nossos signos, nós não apenas descrevemos o mundo, mas construímos “diversas interpretações (*refrações*) desse mundo”. É nesse sentido que retomamos outro conceito bakhtiniano, o de tema. Para esse filósofo, cada enunciação como um todo tem um sentido definido e único.

*Vamos chamar o sentido da enunciação completa o seu tema. O tema deve ser único.* Caso contrário, não teríamos nenhuma base para definir a enunciação. O tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável. Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação. (BAKHTIN/ VOLOCHINOV, 1997, p. 128, grifos nossos).

Por isso, é válido lembrar que o tema só pode ser apreendido levando em conta elementos tanto verbais quanto extra-verbais em determinado contexto de enunciação. Nas palavras de Sobral (2009, p. 75), “o tema não é fixado, mas dinâmico; é uma mobilização de formas da língua segundo as condições da enunciação, é o lugar em que significado + enunciação produzem sentido”. Sobre isso, Bakhtin/Volochinov (1997) explicam que o tema se apoia sobre uma certa estabilidade da significação, caso assim não fosse, perderia seu sentido.

Obviamente essa breve retomada não dá conta de esgotar os conceitos do Círculo, porém, por questão de recorte e de espaço, trouxemos aqueles que serão fundamentais para entender que cada enunciado é único e se dá em um contexto de interação específico, sendo constituído de forma dialógica a partir dos enunciados que o precederam e o que o sucederão, tendo em vista, também, a importante presença do *outro* na sua constituição. Além disso, explicitamos que esses enunciados, pelos campos de atividade em que se dão e por terem características em comum, constituem os gêneros do discurso. Outro ponto que muito relevante para a análise é entender que os signos refratam o mundo, que há várias interpretações possíveis e que elas são mutáveis, se constituem na relação entre subjetividades, também construídas em meio à coletividade de que o sujeito faz parte, pois cada enunciação possui um sentido completo único e, portanto, possui um tema único.

## O gênero notícia em questão

Como já vimos, os gêneros discursivos se caracterizam pela *relativa* estabilidade, afinal, estão o tempo todo em movimento, podendo tomar novas formas em novas enunciações. No domínio jornalístico, implicado neste trabalho, existem, de acordo com Ataíde e Travassos (2018), duas grandes classificações para caracterizar os gêneros:

Há gêneros de comentário que visam a fazer um julgamento, apresentar um ponto de vista sobre determinado tema, como fazem o artigo de opinião e o editorial, e os gêneros informativos, os quais assumem um caráter narrativo-explicativo porque tendem a expor acontecimentos do cotidiano das pessoas, das entidades públicas e dos fatos da sociedade em geral, como a notícia e a reportagem. (ATAÍDE; TRAVASSOS, 2018, p. 84).

Em se tratando do gênero notícia, os manuais são categóricos em afirmar que se trata de um gênero cujo objetivo é relatar fatos recentes. De acordo com Bonini (2011, p. 4), “O gênero pode ser veiculado em revistas ou jornais, falados, impressos ou on-line, e ocupa um lugar estratégico no periódico para inteirar o público leitor dos últimos acontecimentos”.

Sousa (2002) afirma que a notícia é um artefato linguístico com a função de representar determinados aspectos da realidade. Para ele, esse gênero resulta da interação de fatores “[...] de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico, é difundida por meios jornalísticos e comporta informação com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sociocultural [...]” (SOUSA, 2002, p. 3).

Sobre as questões formais do gênero, Köche, Marinello e Boff (2012) descrevem a sua constituição em:

- a. Título: anuncia objetivamente o assunto a ser relatado e busca conquistar a atenção do leitor;
- b. Subtítulo ou título auxiliar: complementa o título, adicionando-lhe informações;
- c. Lead: consta normalmente no primeiro parágrafo ou no primeiro e segundo parágrafos, e expõe de modo sucinto aspectos essenciais do fato relatado. [...]
- d. Corpo da notícia: detalha o conteúdo exposto no lead e dá ao interlocutor outras informações que respondem às questões quem? o quê? quando? onde? como? E por quê?. Explicita os pormenores do fato narrado [...] (KÖCHE; MARINELLO, BOFF, 2012, p. 49).

Além disso, explicam que prevalecem os verbos de ação e que os tempos verbais mais utilizados são o pretérito perfeito (se o fato já ocorreu) e o futuro do presente (se o fato já foi previsto). Sobre a impessoalidade, esclarecem que o redator utiliza a terceira pessoa do discurso para expor os fatos, a fim de privilegiar a impessoalidade. De todo modo, ressaltam que “[...] é muito difícil produzir um discurso neutro, em que as ideias, convicções e crenças do autor não se manifestem de alguma forma”. (KÖCHE; MARINELLO; BOFF, 2012, p. 50).

Sobre a linguagem, explicam que prevalece a função referencial, em que a informação é objetiva, enxuta, sem comentários nem juízos, “[...] enfatiza assuntos e situações do mundo real, dando informações objetivas, sem digressões pessoais” (KÖCHE; MARINELLO; BOFF, 2012, p. 50).

É importante frisar que essas características formais, que normalmente os manuais de informação trazem, “[...] não se aplicam a todos os textos informativos pertencentes à mídia impressa em sincronias passadas” (ATAÍDE; TRAVASSOS, 2018, p. 84). Isso é fruto de transformações sociais e também transformações no modo de circulação de tais gêneros, uma vez que os enunciados que circulam socialmente constituindo os diferentes gêneros são frutos de diferentes situações de interação social.

Ataíde e Travassos (2018) explicam que, no início do século XIX, quando surge a imprensa no Brasil, as notícias eram muito similares a notas e, muitas vezes, possuíam semelhança à função dos anúncios e avisos. Em estudos baseados na Tradição Discursiva dos gêneros, os autores traçam o percurso da notícia desde o início do século XIX, explicando, primeiramente, que, naquela época, os jornais eram produzidos em um formato muito menor, de modo que passou de 24,4 x 19 cm para 72 x 55 ao longo daquele século. Também explicam que, no início, o objetivo dos jornais era publicar anúncios e serviços, de modo que existiam as seções “compras”, “vendas”, “leilões”, “arrendamentos”, “aforamentos”, “fugas e apreensões de escravos”, “perdas e achados”, entre outras. Só pelas temáticas já podemos perceber o quanto as diferentes interações sociais geram enunciados diferentes, com mudanças substanciais na constituição dos gêneros.

O aumento do formato, já mencionado, possibilitou, segundo os autores, que o tamanho dos textos também aumentasse, bem como que novos gêneros fossem inseridos. Por exemplo, inicia em 1843 a divulgação de folhetins em nota de rodapé, bem como os convites para enterros, concessões de títulos a pessoas de destaque na vida política e social, o que fez com que surgissem os primeiros gêneros de coluna social.

Outras transformações se devem ao desenvolvimento do fotojornalismo, que se deu em 1920. Além disso, apenas em 1930 as notícias foram deslocadas para o espaço interno do jornal, passando a haver chamadas na primeira página (ATAÍDE; TRAVASSOS, 2018).

Sobre as manchetes, os autores explicam que:

Atualmente, no caso das notícias, o título identifica o fato noticiado e são, geralmente, elaborados em letras grandes e em negrito para atrair a atenção dos leitores e fazê-los ler mais em busca de detalhes (Bazerman, 2005). No início do século XIX, no entanto, as notícias que circulavam nos jornais não traziam títulos e eram organizadas por seções temáticas. (ATAÍDE; TRAVASSOS, 2018, p. 87).

Após isso, surgiram outros meios de comunicação, como a radiodifusão e a própria televisão, o que fez com que fosse necessário alterar estratégias a fim de atrair o leitor (ATAÍDE; TRAVASSOS, 2018). Assim, “Novas tendências foram incorporadas pela imprensa: a diagramação dos jornais até então verticalizada e linear, com textos que percorriam sucessivamente as colunas, começa a trazer novos elementos, como ilustrações e fotografias”. (ATAÍDE; TRAVASSOS, 2018, p. 94). Nessa época, passou-se a dar mais importância aos títulos das notícias, a fim de haver maior apelo à leitura dos textos, os verbos passaram a ser mais fortes, afirmativos, impactantes e de ação.

Esse breve levantamento de regularidades do gênero corrobora a afirmação de que são relativamente estáveis. Nesse sentido, os autores afirmam que, no estudo diacrônico, foram percebidas algumas características recorrentes, entendidas como traços prototípicos da estrutura composicional básica do gênero notícia:

1) a apresentação de informações mais relevantes dos fatos apresentadas no título ou início do texto; 2) o desenvolvimento do texto correspondente, com certa variabilidade na projeção das informações, à resposta de uma ou mais das seguintes perguntas que constitui o *narratio*: quem?, o quê?, como?, quando?, onde?, por quê?; e 3) a contextualização da produção linguística com a especificação do tempo e do espaço. (ATAÍDE; TRAVASSOS, 2018, p. 111, grifo dos autores).

Outra característica que se tornou presente ao longo do tempo foram as formas de introduzir o discurso do outro, entre outros, com o objetivo de neutralizar o jornal de possíveis inverdades veiculadas. Destacam-se os verbos como *dizer*, *comentar*, *explicar*, bem como o recurso das aspas (ATAÍDE; TRAVASSOS, 2018).

Por essa breve retomada diacrônica, é possível ver o quanto o gênero notícia alterou-se ao longo do tempo. Além disso, em uma análise sincrônica, em que se considere os diferentes suportes, pode-se comprovar a plasticidade desse gênero. Sobre isso, Silva e Silva (2012), ao discutirem a fluidez desse gênero, explicam que o ambiente virtual permite a inserção de links que adicionam informações, comentários, vídeos, mapas que podem ser ampliados, bem como outros recursos contextualizadores. Em se tratando do formato, as autoras afirmam que o corpo da notícia tende a ser mais curto, devido à necessidade de agilidade da informação. Assim, “[...] as notícias *online* não trazem, geralmente, o lead desenvolvido em todos os aspectos (o quê? quem? quando? onde? como? e por quê?), já que as respostas a essas perguntas vão se estabelecendo a partir dos links e das outras notícias [...]” (SILVA; SILVA, 2012, p. 10).

Dessa forma, as autoras concluem que a notícia *online* é mais fragmentada quanto à estrutura composicional quando comparada a uma típica notícia impressa. Além disso, possui uma linguagem que apresenta uma grande variação dependendo do site em que é veiculada.

## **Geração dos dados: como se deu a produção das notícias**

Como já dito, após apresentarmos as características reconhecidas como tipicamente do gênero notícia, seguiríamos à análise. Porém, é importante esclarecer de onde surge o interesse por esse recorte em específico e como se deu a geração dos textos.

Uma rápida análise do desempenho dos candidatos na prova de produção de texto dos Processos Seletivos Seriadados permite notar a dificuldade de muitos de, ao produzirem seus textos, alcançarem a clareza e a coerência adequadas ao gênero, o que resulta até mesmo em um preocupante número de redações avaliadas com nota zero. Não é preciso resgatar os índices que tratam dos níveis de letramento de nosso país para sabermos que há defasagens que acompanham nossos alunos ao longo dos anos que se sentam em nossos bancos escolares.

Por isso, essa proposta nasce, primeiramente, de uma tentativa de, enquanto professora, familiarizar os alunos com gêneros e propostas solicitadas pela UEPG, principalmente pelo Processo Seletivo Seriado (PSS)<sup>4</sup>, o qual lhes dá melhores chances de ingresso em um curso de Ensino Superior, justamente por ser realizado em três etapas e por, geralmente, ter uma concorrência mais baixa.

<sup>4</sup>O PSS é uma modalidade de seleção alternativa para ingresso nos cursos superiores de graduação da UEPG, desenvolvido em três etapas, chamadas de PSS I, PSS II e PSS III, uma em cada ano do Ensino Médio.

Tendo isso em vista, no ano de 2018, em um colégio estadual do município de Ponta Grossa, em uma turma de nono ano, realizamos um trabalho com o gênero notícia que culminou na escrita de uma notícia a partir da proposta da prova de redação do Processo Seletivo Seriado de III de 2014<sup>5</sup>. É válido salientar que ela era destinada a alunos do Ensino Médio, contudo, justificamos a escolha dessa proposta pelo fato de ministrarmos aulas para o Ensino Fundamental e buscarmos familiarizar os alunos com tal processo seletivo, considerando que o índice de notas zero no primeiro ano.

Como o objetivo principal deste trabalho é analisar o modo como, nos textos, é construído o conceito de *asas* trazido na proposta, agora descreveremos como foi o trabalho prévio à escrita das notícias. Primeiramente, aos alunos, foram levados vários exemplares de jornais, principalmente Folha de São Paulo e Diário dos Campos.

Tendo folheado os jornais – muitos pela primeira vez –, os alunos listaram os diferentes gêneros que encontraram nos jornais, como charge, editorial, coluna de opinião e anúncio publicitário, bem como as principais características deles. Apesar da variedade de gêneros presentes nos jornais, perceberam o grande destaque ao gênero notícia e puderam, ao ler várias notícias, perceber as características mais recorrentes, até mesmo percebendo as diferenças entre a composição das notícias dos dois jornais.

Na sequência, conjuntamente listamos no quadro as características que eles encontraram. Após isso, aos alunos foi entregue a seguinte proposta de redação:

**PROPOSTA**

**Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas**

"Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado."

Adaptado de: Rubem Alves.

O texto de apoio destaca dois tipos de escola:  
**Escolas que são gaiolas**  
**Escolas que são asas**

Escolha apenas **UM** dos tipos de escola para desenvolver um texto no **GÊNERO NOTÍCIA**. A expressão escolhida pode ser utilizada como título/manchete do seu texto.

Fonte: [http://cps.uepg.br/inicio/documentos/pss/2014/provas/2014\\_PSS\\_III.pdf](http://cps.uepg.br/inicio/documentos/pss/2014/provas/2014_PSS_III.pdf)

<sup>5</sup> Ressaltamos que a utilização dos textos para fins acadêmicos foi autorizada pela direção da escola, desde que mantido o sigilo sobre a autoria dos textos analisados.

Tendo sido feita a leitura, discutimos o que eles haviam entendido sobre os termos metafóricos *asas* e *gaiolas* – vale mencionar que os alunos já haviam estudado a metáfora enquanto figura de linguagem. Após isso, foram entregues aos alunos quatro redações elaboradas a partir dessa proposta quando da aplicação de tal processo seletivo. Essas propostas foram analisadas pela revista *Arquitetura da Redação*, a qual é organizada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, com o intuito de fornecer maiores subsídios aos candidatos quanto à prova de redação, pois apresentam as propostas de concursos anteriores e analisam algumas redações.

Em suas duas edições, a revista analisou quatro textos que tiveram avaliações bastante distintas: um acima da média, um na média, um abaixo da média e um que tenha recebido nota zero. A atividade proposta a partir dessas redações foi a de os alunos tentarem identificar a avaliação que cada texto havia recebido e buscar justificar. Assim, eles perceberam que a nota estava totalmente relacionada a cumprir a proposta e a ter originalidade, e não apenas a questões pontuais de escrita, como ortografia.

A partir dessa análise, os alunos produziram seus textos, buscando seguir os moldes propostos para esse processo seletivo, totalizando 29 textos que compõem nosso *corpus* de pesquisa. Seguiremos agora à análise.

### **Análise das produções textuais dos alunos**

Antes de iniciarmos a análise dos textos – foco central deste artigo –, há alguns aspectos sobre a proposta e sobre as considerações feitas sobre ela pela revista *Arquitetura da Redação* que gostaríamos de apresentar.

O primeiro ponto a ser levantado é que a proposta em questão não fornece muitos dados sobre o contexto de produção aos candidatos. Afinal, quem é meu público leitor? A quem se destina o texto a ser produzido? Onde será publicado? É um jornal de circulação nacional ou de circulação mais restrita? Será publicado em jornal impresso ou apenas *online*?

Já discutimos que qualquer enunciado proferido é dialógico, é destinado ao outro, que também é parte constitutiva do meu enunciado. É sabendo quem é o meu interlocutor que se dá minha enunciação. Isso está no âmago da discussão de gênero discursivo, não há gênero se não há enunciado e o enunciado só se dá num contexto de interação.

Como pudemos perceber na seção destinada à discussão do gênero notícia, esse gênero, além de ter passado por mudanças ao longo do tempo, apresenta variações em sua estrutura composicional e no seu estilo a depender do meio em que é publicado, como o meio digital, bem como a depender de a quem se destina aquela notícia. Por isso, consideramos que fornecer essas informações ao candidato é imprescindível.

Além disso, na notícia prevalece a função referencial objetiva (KÖCHE, MARINELLO, BOFF, 2012), em que a linguagem produz efeito de objetividade. Porém, o texto de apoio – que está ali para auxiliar o raciocínio do aluno – é inteiramente constituído por metáforas. Deve-se considerar, nesse sentido, que um dos objetivos da prova de redação é que o candidato demonstre capacidade de leitura<sup>6</sup>. Contudo, a indicação de que as expressões *Escola que são asas* e *Escolas que são gaiolas* poderiam compor a manchete dos textos dos alunos faz com que a metáfora

<sup>6</sup>Disponível em: [http://cps.uepg.br/pss/documentos/2014/2014\\_PSS\\_III\\_MANUAL.pdf](http://cps.uepg.br/pss/documentos/2014/2014_PSS_III_MANUAL.pdf) Acesso em: 15/07/2018.

tenha boas chances de intitular muitas das notícias produzidas pelos alunos, assim, estariam fugindo da objetividade do gênero e, mais do que isso, iniciando o texto com um juízo de valor, o que, pelo menos de modo tão explícito, não faz parte das características de tal gênero.

Uma ressalva: dissemos que os gêneros são relativamente estáveis, assim permitem certa mobilidade. Contudo, em uma situação de avaliação de redação em um processo seletivo, há critérios rígidos de correção que estão ancorados nas características mais recorrentes do gênero, assim como por algumas vezes demonstrou a revista *Arquitetura da Redação*.

Vale ressaltar que, na própria explicação que a revista traz da proposta em questão, é dito:

Diferente de um editorial – outro gênero da mesma esfera – em uma notícia, não há espaço para a opinião do candidato autor uma vez que a intencionalidade discursiva desse gênero é informar acerca de determinado acontecimento, com as possíveis implicações de tal fato, num relato objetivo, sem julgamentos nem do fato, nem de suas eventuais implicações, mantendo o maior distanciamento possível. (FONTANA, 2015, p. 71).<sup>7</sup>

Ou seja, se o texto deveria ser objetivo, com o maior distanciamento possível e sem nenhum julgamento, a indicação de que os textos poderiam ser intitulados pelas metáforas que contêm uma apreciação de valor não poderia aumentar as chances de os alunos produzirem textos com opiniões mais explícitas?

Além disso, é pedido que os alunos escolhessem um dos tipos de escola e produzissem uma notícia. Há toda uma discussão do que seria uma escola asa e uma escola gaiola. Entendemos que esses termos se constituem como signos, que podem ser ressignificados em novas enunciações, assim que se tornassem *tema* (na concepção bakhtiniana) em outros enunciados, lembrando que os signos refratram o mundo, não apenas os descrevem, entendendo que há “[...] diversas interpretações (*refrações*) desse mundo.” (FARACO, 2009, p. 51, grifo do autor). Ou seja, uma escola asa – assim como uma escola gaiola<sup>8</sup> – pode ser entendida de várias formas. Afinal,

[...] cada sujeito realiza o ‘mesmo’ de ‘outra’ maneira, de uma maneira sua, sem que com isso deixe de se alterar no contato com o outro e sem que os atos únicos que realiza sejam tão diferentes que não tenham elementos em comum com outros atos a ponto de não ser reconhecidos como atos do universo de atos possível e compreensíveis. (SOBRAL, 2009, p. 52).

Agora, passaremos à análise dos textos produzidos pelos alunos. Primeiramente, trataremos de uma forma mais geral dos textos produzidos no que se refere à estrutura composicional e ao estilo e, após, analisaremos a abordagem feita no desenvolvimento da proposta em se tratando do assunto. Vale lembrar que o tema, na teoria bakhtiniana, é o sentido completo da enunciação, por isso, cada tema é único. Como o espaço aqui é limitado, não trataremos todas as

<sup>7</sup> FONTANA, Ana Claudia Costa. Proposta de Redação comentada: PSS III. Disponível em: [http://cps.uepg.br/vestibular/documentos/2015\\_Arquitetura%20da%20redacao\\_completa.pdf](http://cps.uepg.br/vestibular/documentos/2015_Arquitetura%20da%20redacao_completa.pdf). Acesso em: 15/07/2018.

<sup>8</sup> Não faz parte do *corpus* desse trabalho, porém, é um exemplo que elucida essa discussão. Há dois anos, um aluno, em resposta a essa proposta, escreveu um texto em que a escola gaiola era marcada pela violência e os alunos se sentiam presos nela. Há que se refletir sobre o fato de talvez essa ressignificação não estar no horizonte de expectativa para essa proposta. Contudo, reflete a posição de um determinado sujeito.

produções textuais para tratar do tema, mas abordaremos a estruturação dos textos no que se refere às características mais gerais do gênero, e abordaremos como a palavra *asa*, enquanto signo, foi refratada por esses alunos, a partir de suas realidades, de seus entendimentos e dos enunciados passados que constituíram os seus enunciados.

Em se tratando da estrutura composicional, lembramos que a produção de um texto demanda conhecimento do gênero em questão, das características básicas, de quem é o interlocutor, de onde o texto circulará (essas duas últimas características deveriam ter sido fornecidas na proposta de redação) e da finalidade do texto, considerando as diferentes situações de produção. Isso porque

toda produção textual requer o conhecimento, por parte dos usuários da língua, de modelos de realizações discursivas (orais ou escritas) anteriormente produzidos pela sociedade[...]. Tais modelos revelam a recorrência a certas fórmulas, atos de fala, estilos, que estabelecem, na construção de um texto ou discurso, uma relação entre o momento atual e a tradição. (ANDRADE; GOMES, 2018, p. 30).

A primeira característica mais visível do gênero notícia é possuir manchete. Sobre o modo como ela foi construída em nosso *corpus*, é relevante mencionar que 11 textos são intitulados como “Escolas que são asas”, seguindo a orientação do enunciado. Já mencionamos anteriormente que essa opção pode acarretar indícios de juízo de valor, uma vez que, na maioria dos textos, não há relação entre o uso da palavra *asas* na manchete e nenhum elemento do texto, ficando explícito ser uma avaliação do autor da notícia. Apenas um dos textos, intitulado “Escola que são asas”, utilizou uma abordagem diferente para tentar atribuir a outro sujeito essa avaliação; podemos ver isso no trecho “‘Incentiva não apenas os alunos, mas nós que convivemos com eles. Precisamos envolver nossos filhos em escolas que são asas’, diz pai de um aluno”. Contudo, apesar desse recurso que demonstra, por parte do aluno, o reconhecimento de que o autor da notícia não pode atribuir juízos de valor, o fato de ter optado por intitular o texto dessa forma mostra concordância com a fala do suposto pai, ou seja, foge da aparente neutralidade.

Entre as características do gênero, na sequência da manchete, está a linha-fina (ou subtítulo). Apenas 3 textos não possuem linha-fina, demonstrando que a grande maioria possui conhecimento da estrutura desse gênero.

Outra característica importante é a construção do *lead*, em que são respondidas perguntas como *Quem? O quê? Quando? Onde? Como? Por quê?*. Todos os textos explicam o que aconteceu, quando e onde, demonstrando, mais uma vez, conhecimento de como esse gênero tipicamente se estrutura. As respostas a como e por que estão presentes em alguns textos, demonstrando um maior nível de conhecimento do gênero e de autoria.

Porém, em se tratando do estilo, houve alguns textos que não mantiveram o nível de formalidade tradicionalmente atribuído a esse gênero. Quanto a isso, ressaltamos que há notícias publicadas na internet que não necessariamente seguem o nível de formalidade típico de alguns jornais impressos. Além disso, em momento nenhum, a proposta de redação deixa claro que se trata de um texto que circularia em um jornal impresso. Além do uso recorrente do verbo *ter* no lugar do *haver*, bastante comum na oralidade, há outras expressões que destoam de um texto formal, como “desempenho muito devagar”, “podem ver que o projeto não é bobeira” e “Os alunos estiveram com essa ideia na cabeça”.

Outro ponto é que praticamente todos os textos fizeram uso de discurso direto ou mesmo indireto para que pudesse haver um juízo de valor em relação ao projeto – foco da notícia, seja na “voz” de professores, diretores, membros da comunidade ou de alunos. Porém, em alguns momentos, o juízo de valor não estava presente em discursos citados, mas, sim, do próprio “jornalista”, em expressões como “o decadente ônibus” e “Começaram um belo trabalho”. Em apenas um dos textos houve claramente a presença do “eu” do jornalista, no trecho “Pedro, um dos alunos que está no projeto, disse para nós”.

De modo geral, pudemos perceber que, em relação à adequação ao gênero, nenhum texto se aproximou dos critérios que são estabelecidos no Manual do Candidato para atribuir nota zero e poucos se aproximaram dos critérios relativos a textos abaixo da média, pois todos os textos foram construídos respeitando a maioria das características do gênero que são mais estáveis.

Devemos ter em mente que “A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é [...] aplicada e adaptada ao gênero escolhido”. (BAKHTIN, 2017, p. 282). Por isso, além de tratarmos da questão dos gêneros, por entendermos que o enunciado não pode ser apenas pensado em termos formais, passaremos agora a apresentar e a discutir os diversos modos pelos quais os alunos reinterpretaram os signos que compõem a proposta de redação.

Em relação à escolha prevista nos comandos, é necessário frisar que todos os textos do nosso *corpus* tratam das escolas que são asas. Não podemos precisar o porquê de os alunos terem feito essa opção, contudo, como eles tiveram acesso à revista *Arquitetura da Redação* e esta só analisou propostas que trataram da temática *Escolas que são asas*, acreditamos que essa pode ser uma possível causa dessa opção unânime.

Contudo, apesar de os alunos terem partido de uma mesma expressão, essa foi ressignificada de formas bastante particulares. Sobre isso, vale uma ressalva. Como já dito, todos os alunos tiveram acesso aos textos analisados pela revista *Arquitetura da Redação*. Os textos que obtiveram notas acima da média e na média se constituíram como exemplos de redações que cumpriram a proposta. Esses textos ressignificaram o signo asas associando-o a projetos de música e literatura, e ao auxílio de alunos de séries mais avançadas no aprimoramento do conhecimento de outros alunos. Obviamente, essas interpretações poderiam ecoar nos textos produzidos pelos alunos, pois

Nossos enunciados emergem – como respostas ativas que são no diálogo social – da multidão das vozes interiorizadas. Eles são, assim, heterogêneos. Desse ponto de vista, nossos enunciados são sempre discurso citado, embora nem sempre percebidos como tal, já que são tantas as vozes incorporadas que muitas delas são ativas em nós sem que percebamos sua alteridade. (FARACO, 2009, p. 85).

Além dessas vozes materializadas nos textos lidos, obviamente, os alunos tiveram, ao longo de sua trajetória escolar, acesso a tantas outras vozes que também ecoaram em seus enunciados. Devemos lembrar, nesse sentido, que todo enunciado é dialógico, assim, “[...] o sentido nasce de ‘diálogos’ (no sentido amplo) entre formas de enunciados/discursos passados, que já foram produzidos, e formas de enunciados/discursos futuros, que podem vir a ser produzidos [...]” (SOBRAL, 2009, p. 36). E essa produção de sentidos se dá pela interação entre subjetividades (SOBRAL, 2009).

Sabemos que *asas* é entendido como um signo ligado à liberdade, nesse caso, à libertação de habilidades, ao aprimoramento delas. Segundo a revista *Arquitetura da Redação*:

É notório, então, que a redação deveria ser redigida para apresentar uma situação em que as sugestões metafóricas apresentadas pelo texto-base pudessem vir materializadas em um acontecimento fictício, mas apresentado como real, em que os alunos (quem) tivessem experimentado ou uma situação “exitosa” de desenvolvimento de potencialidades que lhes fossem inerentes ou uma situação “castradora” em que se tornassem seres submissos e incapazes de desenvolver essas mesmas potencialidades (o quê). (FONTANA, 2015, p. 72).

Ou seja, deveria ser um acontecimento em que houvesse o desenvolvimento de potencialidades inerentes aos alunos. Poucos foram os textos em que o signo *asas* foi entendido exatamente da forma como, segundo a análise da revista, deveria ser compreendido. Os que mais se aproximam são textos com os seguintes recortes: “Escola elabora projeto com oficinas de diferentes temas”, “Educação não quilometrada” (em que alunos viram professores), “Projeto incentiva esportes” e “Projeto de atuação e escrita de livros”.

Muitos dos projetos relatados ainda estão presos a uma concepção de ensino mais tradicional, em que o conhecimento de conteúdos seria a chave para maior sucesso – mostrando que talvez seja esse o entendimento de poder ter *asas* para os alunos, pois associam a conclusão com êxito das etapas de ensino a melhores condições no futuro, que possibilitem “voos mais altos”.

Isso fica nítido nas seguintes abordagens: “Projeto para ajudar crianças carentes a mexer no computador”, “Ajudar crianças desabrigadas a estudar”, “Deixar a cultura (entendida como a cultura canônica) mais acessível”, “Município prioriza educação com estrutura comparada ao ensino particular” (mostrando muito o lugar de onde esse sujeito produz seus enunciados), “Campeonato Escolar – competição do conhecimento entre turmas”, “Projeto que busca profissionalização”, “Mais Educação (em diálogo com o projeto do governo) – escola leva alunos para lugares em que a educação não chega para darem mais valor” e “projeto para aumentar a nota dos alunos em provas do governo”. Claramente, há nessas abordagens refrações que se distanciam daquela tida como ideal pela equipe de avaliação das redações.

Retomamos, nesse sentido, o conceito de tema. Segundo Sobral (2009, p. 75):

O tema só é entendido quando se levam em conta os elementos extra-verbais da enunciação ao lado dos elementos verbais; o tema não é fixado, mas dinâmico; é uma mobilização de formas da língua segundo as condições da enunciação, é o lugar em que significado + enunciação produzem sentido. (SOBRAL, 2009, p. 75)

Assim, lembramos o quanto o tema da enunciação é único, é irrepetível, advém “[...] da soma das relações sociais desses sujeitos” (SOBRAL, 2009, p. 76), sempre permeado, portanto, por refrações, tendo em vista que as significações “[...] não estão dadas no signo em si [...], mas são construídas na dinâmica da história e estão marcadas pela diversidade de experiências dos grupos humanos, com suas inúmeras contradições e confrontos de valorações e interesses sociais”. (FARACO, 2009, p. 51).

É considerando essas diversas refrações a partir das diferentes relações sociais que a permeiam que continuamos nossa análise. Assim, trazemos outros modos pelos quais o signo *asas* foi ressignificado.

Pensando nas relações sociais de que os autores dos textos participam, podemos entender alguns dos textos produzidos por eles. Na semana anterior à produção dos textos, houve

a comemoração do aniversário de 70 anos do colégio, no qual foi inaugurado o Centro de Memórias dele e houve várias oficinas, com destaque para uma oficina de horta. Isso reverberou em três textos produzidos em que o foco principal foi “Comemoração do aniversário do colégio”, “Projeto para criar Centro de Memórias do Colégio” e “Projeto com criação de horta”. Como já vimos, por não tratarem de situações exitosas em que há o desenvolvimento de potencialidades inerentes, essas abordagens não se aproximam do que é esperado pela equipe de avaliação da redação, o que está explícito na revista *Arquitetura da Redação*. Porém, mostram formas muito particulares e situadas de os alunos compreenderem práticas que os estimulem dentro do ambiente escolar, pois vão além de práticas cotidianas.

Outro aspecto a ser salientado é a recorrência de projetos que buscavam auxiliar na melhoria do ambiente escolar como um todo e até mesmo da própria comunidade. Houve certa recorrência de textos que tratavam da conscientização sobre a prevenção da dengue e de projetos em que os alunos ajudavam na limpeza da escola, além de textos cujos enfoques foram: “Todos contra a homofobia”, “Alunos ajudam moradores de rua” e “Projeto contra uso de drogas”.

Mais uma vez, há textos que se distanciam do esperado, principalmente em se tratando de questões como prevenção a doenças e limpeza, porém, isso nos mostra que, de algum modo, enunciados anteriores estabeleceram um diálogo com esses textos, pois são comuns campanhas de combate à dengue e, na escola, há fortemente um discurso da necessidade de mantê-la limpa, haja vista as condições não ideais de conservação de muitas escolas públicas. Surgem também outras temáticas com preocupação social, que vão além do desenvolvimento de habilidades dos alunos, como o combate à homofobia, a questão da desigualdade social e o preocupante índice de consumo de drogas por parte dos jovens. Isso mostra que os alunos veem essas questões como algo a ser superado pela educação, de modo que as escolas que são *asas* precisam estar preocupadas com temas que vão além da escolarização e da obtenção de boas notas.

## Breves palavras finais

Como dito no início deste trabalho, defendemos o posicionamento de que a teoria bakhtiniana tem muito a nos oferecer para um trabalho com a língua em sala de aula mais adequado às demandas desse espaço, principalmente, quando partimos do trabalho com gêneros discursivos não só focado em suas questões formais, mas, principalmente, como um conceito que se sustenta na produção de enunciados em determinado campo de atividade humano. Obviamente, há que se ressaltar que, como apontou a discussão sobre o gênero notícia, há, sim, características recorrentes que o definem, porém essas, devido às situações de enunciação, ganham uma *relativa* estabilidade.

Por meio dessa análise, pudemos perceber o quanto são múltiplas as refrações, as respostas aos enunciados passados, pois compreendemos que os enunciados são irrepetíveis, com temas singulares. Ter isso em mente nos leva a defender a necessidade de assumirmos uma concepção dialógica de linguagem no ensino da língua.

Finalizamos este trabalho cientes da sua incompletude, pois há muito mais a ser dito sobre os textos que compõem o *corpus* da pesquisa. Porém, encerramos este artigo acreditando ter cumprido a atitude responsiva enquanto professoras de Língua Portuguesa que diariamente trabalha com a linguagem, tendo na teoria bakhtiniana uma forma de compreender melhor a

complexidade que envolve a produção de enunciados e, principalmente, a avaliação deles. Com isso, também apontamos para a necessidade de refletirmos sobre os critérios de correção das provas de redação de vestibular e processos seletivos.

## Referências

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; GOMES, Valéria Severina. Introdução. In: ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O; GOMES, Valéria S. **História do português brasileiro**. Tradições discursivas do português brasileiro: a constituição e mudança dos gêneros discursivos. São Paulo: Contexto, 2018.

ATAÍDE, Cleber; TRAVASSOS, Tarcísia. A notícia de jornal entre a conservação e inovação: tradições discursivas e história da língua. In: ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O; GOMES, Valéria S. **História do português brasileiro**. Tradições discursivas do português brasileiro: a constituição e mudança dos gêneros discursivos. São Paulo: Contexto, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. (Volochinov, Valentin N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: HUCITEC, 1997.

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, Acir Mario; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim S. (Orgs.). **Gêneros textuais**: Reflexões e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KÖCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adiane Fogli; BOFF, Odete Maria Benetti. **Estudo e produção de textos**: gêneros textuais do relatar, narrar e descrever. Petrópolis: Vozes, 2012.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares Estaduais de Língua Portuguesa**. Curitiba, 2008.

SILVA, Pollyanna Honorata; SILVA, Mariana Batista do Nascimento. **Notícia**: a fluidez do gênero. In: Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. **Por que as notícias são como são?** Construindo uma teoria da notícia. 2002. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2019.

*Recebido em julho/2019.*

*Aceito em fevereiro/2020.*